

DUAL-CAREER (QUEER) FAMILY: uma discussão para além dos papéis de gênero

GUILHERME PINHEIRO MARIA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

HELIANI BERLATO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

DUAL-CAREER (QUEER) FAMILY: uma discussão para além dos papéis de gênero

1. INTRODUÇÃO

O termo *dual-career family* foi definido por Rapaport e Rapaport (1969; 1971) como a família na qual tanto o marido quanto a esposa buscam carreiras e, ao mesmo tempo, mantêm uma vida conjugal com ao menos um filho. Os autores salientam que a construção da carreira requer um alto nível de comprometimento do indivíduo, apresentando uma sequência de desenvolvimento contínuo e geralmente está ligada a gostos ou aptidões pessoais (RAPAPORT; RAPAPORT, 1969; 1971).

Para os autores, o desenvolvimento da *dual-career family* ocorreu devido a “uma complexa mudança na sociedade e no mundo em geral”, a exemplo da maior equidade de oportunidades ao acesso das mulheres e homens na educação superior, o aumento do número de mulheres casadas na força de trabalho e, a crescente visão da carreira como um “recurso primário de satisfação pessoal” para os indivíduos. (RAPAPORT; RAPAPORT, 1971. p, 519).

No Brasil, o fenômeno carece de uma expressão que consiga traduzi-lo sem que se perca o significado atribuído pela literatura internacional. O termo “carreira dupla”, por exemplo, expande o leque de entendimento do termo, e pode designar indivíduos com duas carreiras paralelas. Dessa forma, Berlato e Corrêa (2017) defendem que o termo em inglês ainda se mostra como a melhor forma de utilizá-lo sem que se perca a essência de seu significado, embora esforços para criar um termo “abrasileirado” sejam bem-vindos.

Da dinâmica entre os relacionamentos conjugais e o envolvimento com a carreira, Gilbert e Rachlin (1997) identificam uma segunda configuração denominada de *dual-earner family*, isto é, a família de ganho duplo, onde ambos os cônjuges contribuem financeiramente com a manutenção da família. Diferentemente da *dual-career family*, aqui os empregos são propensos a serem escolhidos por razões econômicas e são caracterizados pela falta de estágios claros de desenvolvimento e acumulação de experiência (RAPAPORT; RAPAPORT, 1971; GILBERT; RACHLIN, 1987).

A distinção entre *dual-career* e *dual-earner families* é enfatizada por Duxubury *et al.* (2007) como motivo para não as equiparar em termos de desenvolvimento de carreira, isto é, na literatura é comum não considerar as famílias de ganho duplo como *dual-career families*.

Reed e Reed (1993) destacam que a nova configuração familiar trazida pela *dual-career* rompe com paradigmas como a aceitação de que a esposa deve seguir seu marido em sua jornada profissional, mesmo quando ela é envolvida com o trabalho remunerado. Com isso, os estudos sobre *dual-career family* se tornam uma questão de gênero, ao discutirem os papéis atribuídos ao homem e a mulher diante de um processo de transformação: onde a mulher passa a conquistar “posições de poder de negociação e decisão na família” derivadas de sua inserção no mercado de trabalho e da “conquista de posições sociais e econômicas na sociedade” (CASTRO, 2015. p. 30).

Estudos realizados nos últimos cinco anos dentro do campo de pesquisa da *dual-career family* têm mostrado uma tendência em se considerar famílias compostas por casais heteroafetivos, isto é, formados por pessoas do sexo oposto, como sujeitos possíveis de pesquisa. Esse quadro mantém a discussão dos trabalhos em torno das questões de gênero, mais especificamente, tratando dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres dentro do contexto trabalho-família.

Em contrapartida, um movimento crescente de reconhecimento das uniões homoafetivas, isto é, entre pessoas do mesmo sexo, vem ocorrendo ao redor do mundo nas últimas duas décadas. Segundo a *The International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association* (ILGA)¹ até 2019, 26 países reconheceram o casamento (união estável) e 27 países haviam regulamentado as uniões civis entre pessoas do mesmo sexo. A maioria dos países está

concentrada no continente europeu (28), seguida pela América (9), Oceania (2), África (1), e no continente asiático somente Israel reconhece a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

O Brasil figura entre os 12 países que reconhecem tanto a união estável quanto a união civil como válidas. Até o ano de 2000 nenhuma nação reconhecia a união entre pessoas do mesmo sexo, sendo a Holanda pioneira.

Assim, Berlato (2018) defende a realização de estudos dentro da temática da *dual-career family* que focam os casais homoafetivos. Para a autora, “casais do mesmo sexo podem possuir ou não características diferentes dos casais tradicionais (homem e mulher)” (BERLATO, 2018, p. 210).

Diante disso, com o objetivo de ampliar as possibilidades de pesquisa e de discussão dentro da temática da *dual-career family* para além das relações heteroafetivas e da discussão em torno dos papéis de gênero masculino e feminino, este ensaio teórico se baseia em ideias advindas da teoria *queer* e das apropriações do termo *queer*.

Perspectivas pós-modernas como a teoria *queer*, que enxerga o gênero como uma construção histórica, social, cultural e linguística e não como uma categoria binária e essencial dos indivíduos, pode ajudar a pensar em como incluir novas configurações familiares dentro da temática da *dual-career family*, ampliando sua discussão, não só como uma questão de gênero, mas também como uma questão pós-moderna.

Para tanto, pretende-se nos próximos tópicos, apresentar os principais conceitos que envolvem a teoria e o termo *queer*. Além disso, relacionar tais conceitos com a temática da *dual-career family* afim de identificar quais processos derivam dessa convergência, e que dão suporte ao termo proposto da *dual-career queer family*.

2. A TEORIA QUEER

A teoria *queer* se desenvolveu na pós-modernidade. Esse período, iniciado nos anos setenta, é marcado por grandes mudanças sociais e pela instabilidade das formas econômicas, existenciais, sociais e culturais. Também é marcado por um contexto fragmentado, onde estruturas identitárias como gênero, classe, sexualidade, étnicas entre outras, são questionadas. Tais questionamentos provocaram a descentralização do sujeito moderno visto como estável e fixo e romperam com o projeto racional-tecnocrático e positivista da modernidade. Compreende-se que a pós-modernidade é um período de crise da identidade onde emerge a figura do sujeito fragmentado (HARVEY, 1992; SARUP, 1996; BAUMAN, 1998; PETERS, 2000; HALL, 2006).

No campo do saber, correntes epistemológicas como o estruturalismo e, principalmente, o pós-estruturalismo, capturam muitas das ideias da pós-modernidade. Representado por filósofos como Michael Foucault e Jacques Derrida, o pós-estruturalismo é uma corrente epistemológica desenvolvida em oposição aos ideais humanistas do sujeito antropológico, racional e autônomo, origem e fonte de todo pensamento e ação (SOUZA, 2012).

O estruturalismo e o pós-estruturalismo compartilham a ideia de que os sujeitos não são seres autônomos, mas simples portadores de estruturas, incluindo as estruturas linguísticas. Entretanto, o que os diferencia é que, enquanto a análise estruturalista é a-histórica, o pós-estruturalismo traz uma perspectiva histórica crítica, enfatizando a mudança, a transformação, a ruptura, a descontinuidade das estruturas e a genealogia, como processos que explicam as relações sociais (PETERS, 2000; NEWMAN, 2005; SOUZA, 2012).

Os estudos genealógicos buscam encontrar descontinuidades onde se pretende conceber o desenvolvimento humano como contínuo e tendendo ao progresso (SOUZA; BLANCO; MACHADO, 2008). A genealogia foucaultiana, por exemplo, quebra com a lógica moderna de que o homem e as coisas possuem uma essência e de que a análise do homem e de suas relações revela um significado oculto, uma verdade essencial (DREYFUS; RABINOW, 1995). O

mesmo compromisso crítico com a crença humanista em essências e oposições absolutas é a base da ideia de desconstrução apresentada por Jacques Derrida (SULLIVAN, 2003).

A genealogia de Foucault buscou entender as relações de poder ao invés dos significados ocultos presentes nas práticas discursivas e sociais. O filósofo se debruçou sobre o entendimento de como ocorre a criação das verdades absolutas que ditam as práticas sociais e controlam o homem. Assim, a construção dos saberes, das verdades e do homem, é compreendida por Foucault como fruto da relação de forças antagônicas. Nela, uma força busca dominar a outra, entretanto, essa relação de dominação não elimina as forças reprimidas, que afirmam a sua diferença (SOUZA *et al.*, 2006; SOUZA; BLANCO MACHADO, 2008).

Influenciada pelos ideais da pós-modernidade e pelos objetivos do pós-estruturalismo, a teoria *queer* é caracterizada por um pensamento que questiona as normas predominantes relacionadas ao entendimento de sexo, sexualidade, corpo, desejo sexual e gênero (RUMENS; SOUZA; BREWIS, 2019).

Sob essa perspectiva, Seidman (1996, p.13) afirma que a sociedade é organizada por conhecimentos e práticas que sexualizam (heterossexualizam ou homossexualizam) “corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições”. Esse processo cria uma hierarquia binária entre a heterossexualidade, considerada como natural, e as sexualidades LGBTs como as “outras”, inferiores (RUMENS, 2016).

Dessa relação surge o que Rumens (2016) denomina como heteronormatividade: o processo que coloca a heterossexualidade como socialmente coerente (organizada como uma sexualidade) e privilegiada (pois domina instituições, estruturas de entendimento e orientações práticas) em detrimento de outras identidades sexuais.

Em contrapartida, a teoria *queer* enxerga a sexualidade e o gênero como categorias construídas ao longo da história e condicionadas culturalmente. Por isso, a perspectiva *queer* rejeita a concepção humanística do sujeito universal e estável, propondo uma visão fragmentada, múltipla e interseccional do sujeito (RUMENS, 2016; SOUZA, 2017; RUMENS; SOUZA; BREWIS, 2019).

Além disso, a teorização *queer*, apesar de suas variações, pode ser entendida como motivada pela “preocupação com a heteronormatividade do dia-a-dia”, focando nas variadas possibilidades de como o sujeito pode construir identidades e personalidades “dentro e além das binaridades sexuais e de gênero” (RUMENS, 2016. p. 42).

Por outro lado, Souza (2017) não concebe *queer* como uma teoria, mas sim como uma perspectiva capaz de tornar *queer* a teoria. Isso significa duvidar das verdades universais presentes nas teorias, questionando e problematizando os conhecimentos produzidos no seu interior e disseminados como verdades únicas. Essa problematização se dá com a análise e a evidenciação das relações de poder que produzem saberes hegemônicos (SOUZA, 2017).

A teoria *queer* desafia os conceitos hegemônicos presentes dentro dos limites das identidades binárias e propõe uma transgressão e resistência ao normal (WATSON, 2005). Por isso, Seidman (2006) salienta que, apesar da resistência à definição, a teoria *queer* pode ser considerada como o estudo do poder dentro de uma perspectiva foucaultiana.

Para Butler (1993; 2004) o sujeito é incapaz de agir fora das relações de poder e do discurso. O processo de nomeação e categorização das identidades operadas por meio dos discursos hegemônicos produzem o indivíduo como um sujeito viável, conferindo existência ao ser humano.

Os discursos hegemônicos são construídos ao longo da história através de relações assimétricas de poder e modelam as identidades dos indivíduos através da constante recitação de práticas normativas. Essa dinâmica cria padrões a serem seguidos e replicados nas sociedades (SOUZA, 2017). A manifestação da identidade a partir de sua constante recitação produz seu caráter aparentemente natural, e caracteriza os atos da identidade não como expressões, mas como performativos (TYLER; COHEN, 2008).

Nesse sentido, a repetição ritualizada das normas ligadas a identidade, como restrições, tabus e ameaças de punição, delimitam sua performatividade, diferenciando e estabilizando categorias de identidade binárias como: masculino e o feminino; heterossexualidade e homossexualidade (SOUZA, 2017). Entretanto, Sullivan (2003) afirma que a repetição das práticas normativas que conduzem a performatividade são ineficientes, pois não inibem posturas desviantes. Para a autora, as identidades se revelam instáveis, diversas e não-fixas.

2.1. *Queer(ing)*

O termo *queer* é caracterizado por Rumens, Souza e Brewis (2019) como um termo polissêmico, ou seja, que apresenta mais de um significado. Os autores apresentam ao menos três significados que o termo pode assumir. Portanto, *queer* pode ser interpretado como: um substantivo, ao descrever alguém como *queer*; um adjetivo, principalmente quando se pretende denotar uma política específica como *queer*; ou como um verbo, sendo encarado como um processo. O termo também já foi utilizado de forma pejorativa para designar algo ou alguém como estranho ou de aparência estranha (RUMENS; SOUZA; BREWIS, 2019).

Como substantivo, o termo *queer* tende a ser utilizado para reunir as pessoas que se identificam com uma ou mais identidades sexuais contidas na sigla LGBTQIA+ (Lésbica, Gay, Bissexual, Transsexual ou Transgênero, *Queer*, Intersexo, Assexual), onde o símbolo “+” significa que a sigla está em construção e pode abarcar outras identidades sexuais. Essa concepção torna o *queer* como um termo guarda-chuva, abrangendo todas as identidades contidas na sigla (RUMENS, 2016).

Durante a década de oitenta o termo *queer* também foi utilizado de forma política por grupos como o *Queer Nation* e o *Act Up*, que questionavam a ideia de um sujeito e identidade gay unificado, propondo uma política de identidade radical. Dessa maneira, *queer* passou a ser defendido como mais uma alternativa identitária diante do espectro das experiências não-heteronormativas (RUMENS; SOUZA; BREWIS, 2019).

Sullivan (2003) considera inapropriado o uso do termo *queer* como um conceito guarda-chuva, pois essa apropriação passa a falsa ideia de que todas as identidades contidas na sigla LGBTQIA+ possuem as mesmas características e a mesma essência. Por isso a autora defende a necessidade de existir nos estudos *queer* que tratam sobre a identidade sexual e de gênero, a intersecção com outros aspectos identitários como étnicos, de classe social e geracional, afim de evitar a falsa ideia de que somente o sexo e o gênero são produtores de identidades unitárias entre grupos como o LGBTQIA+.

Ainda, a autora propõe encarar o termo *queer* como um verbo e como um processo de desconstrução da ideia do comportamento normal. Assim, conceber *queer* como um verbo significa “questionar ou ridicularizar, estragar, colocar fora de ordem” o que é aparentemente ordenado (SULLIVAN, 2003. p. 52).

Paralelamente, Wander (2018. p. 63) afirma que o pensamento *queer* se propõe a “desfazer as categorias binárias de pensamento” que moldam a maneira como conhecemos nosso próprio sexo, sexualidade e gênero. Portanto, *queer(ing)* como um verbo, passando a ideia de processo, é considerado o significado mais apropriado quando se propõe estudar o termo (RUMENS, 2016). Estudiosos *queer* pensam “de outra forma”, envolvendo-se “em projetos que imaginam novos modos de identidade, sociabilidade, família e futuro (WANDER, 2018. p. 63).

3. **DUAL-CAREER (QUEER) FAMILY**

A teoria *queer* resgata o contexto ontológico pós-moderno que enxerga os aspectos identitários de maneira fragmentada e não bidimensional. Além disso, compartilha de posições

epistemológicas que concebem as relações sociais como produto de construções históricas, culturais e de relações de poder.

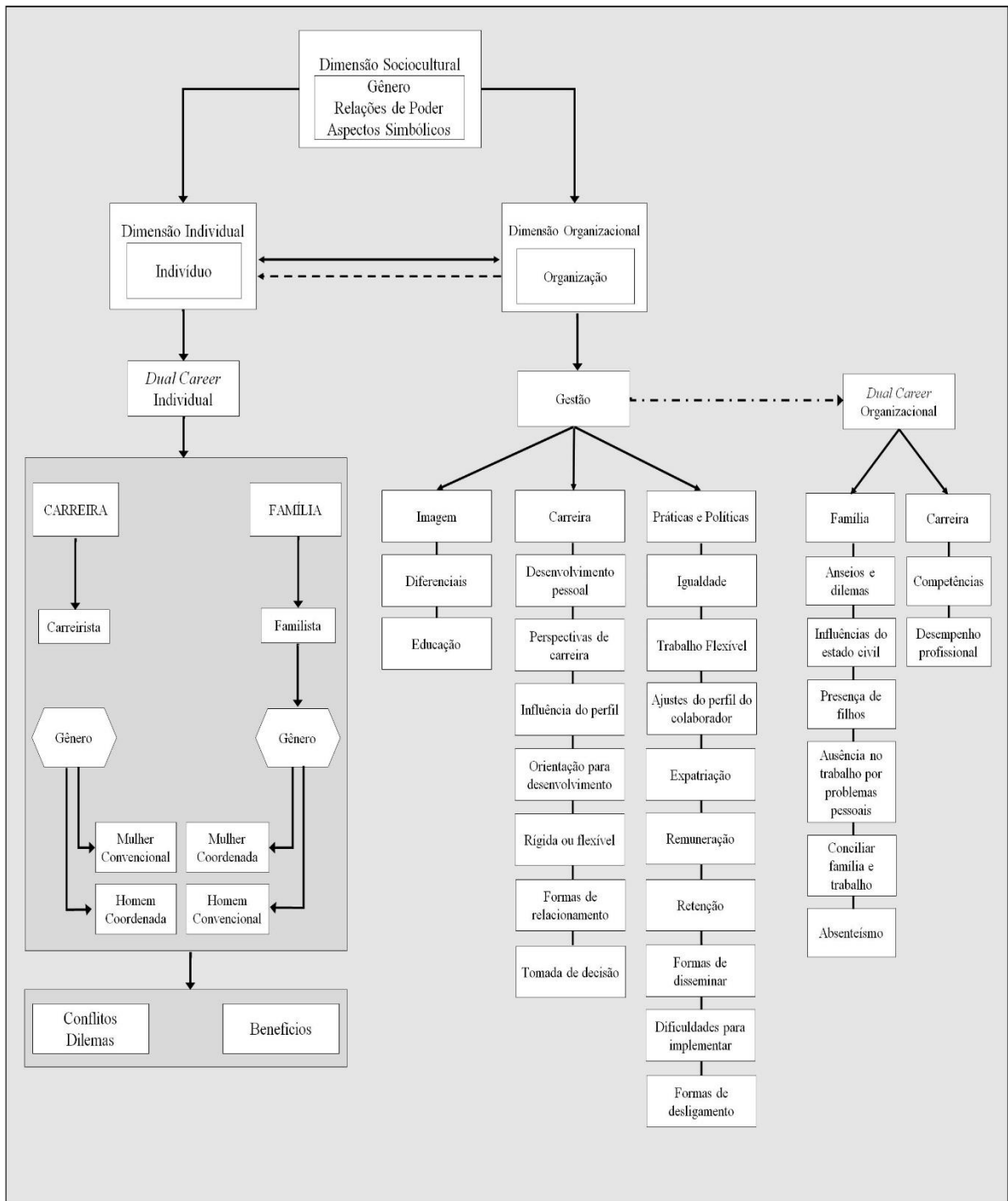
Já a apropriação do termo *queer* como verbo representa o compromisso com a desconstrução das categorias identitárias que normalizam as pessoas, colocando-as em extremos opostos, e que ao mesmo tempo, excluem outras que não se encaixam dentro deste esquema binário.

Em paralelo, os estudos sobre a *dual-career family* passam pela consideração da dimensão sociocultural e dos aspectos simbólicos, de gênero e das relações de poder contidos nela. A partir da dimensão sociocultural a *dual-career* pode ser estudada através de duas perspectivas diferentes: do indivíduo e da organização. Essa dinâmica está esquematizada na figura 1 que apresenta o modelo conceitual da *dual-career family* elaborado por Berlato (2018) como síntese de seus estudos na área.

É interessante notar no modelo que, independente da perspectiva que um estudo sobre *dual-career* possa adotar, os aspectos socioculturais irão sempre permear a discussão. Diante disso, a perspectiva *queer* pode ser utilizada para direcionar discussões dentro dos estudos sobre *dual-career* uma vez que ela também considera os aspectos socioculturais em suas discussões.

A partir dessa relação, um segundo passo consiste em apresentar como as discussões da teoria *queer* e apropriação do termo *queer* como um verbo, podem efetivamente se relacionar com o quadrante sociocultural do modelo conceitual da *dual-career family*. Essa apresentação será feita nos três subtópicos seguintes, que enfatizam nos títulos a ideia da ação desconstrutiva defendida pela teoria *queer*, e que podem conter uma primeira caracterização do termo proposto neste tópico: a *dual-career queer family*.

Figura 1. Modelo conceitual de *dual-career family*



Fonte: Berlato (2018)

3.1. Ampliando o entendimento sobre carreira

Devido ao caráter positivista presente nas definições seminais sobre carreira e que são utilizadas na maioria dos estudos sobre *dual-career family*, Benenson (1984) destaca um movimento na literatura que considera configurações familiares muito específicas na delimitação de suas amostras, caracterizadas por indivíduos com condições socioeconômicas favoráveis e que possuam trajetórias ascendentes de carreira. Dessa forma, a pesquisa sobre *dual-career family*, tradicionalmente está associada ao estudo das elites.

Hughes (2013, p. 696) chama a atenção para o fato de que muitos pesquisadores enxergam os casais *dual-career* como um “subconjunto elitizado de casais”, mas ao mesmo tempo, não há um consenso entre eles sobre quais casais se enquadram nessa categoria. Essa contradição causa uma confusão no entendimento sobre quais casais de fato possuem uma carreira e quais não possuem.

Como solução ao impasse criado, o autor propõe a substituição do termo *dual-career couple* (casal de dupla carreira) por *dual-income couple* (casal de dupla renda), considerado como mais inclusivo às diversas características demográficas que as famílias podem adquirir.

Contudo, essa transformação aproxima a categoria *dual-career couple* à outra categoria já apresentada por Gilbert e Rachlin (1997), a *dual-earner couple* (casal de ganho duplo). Esse movimento origina uma nova sobreposição de categorias e não soluciona a confusão presente entre os pesquisadores na identificação de quais casais se enquadram, ou não, na categoria *dual-career couple*.

Em contrapartida, Young e Collin (2004) defendem a adoção da perspectiva socioconstrutivista como forma de ultrapassar os limites colocados no desenvolvimento dos estudos sobre *dual-career family*. O socioconstrutivismo envolve a quebra do paradigma do desenvolvimento sequencial em etapas ascendentes atrelado à carreira. Essa perspectiva defende a inclusão das interações entre o indivíduo e suas diversas experiências de trabalho no significado de carreira, explorando as interações do indivíduo não somente com organizações, mas também com o mundo social.

Na mesma direção, Pixley (2009) defende que possuir, ou não, uma carreira depende da percepção individual que cada pessoa tem sobre suas experiências profissionais. Diante dessa perspectiva, independentemente da condição de trabalho, é possível considerar que qualquer pessoa tenha uma carreira desde que ela se considere possuidora de uma.

Pautados pelas perspectivas de Young e Collin (2004) e Pixley (2009), Andretta e Berlato (2018) propõem a manutenção do termo *dual-career couple* e, não a substituição por *dual-income couple* como propõe Hughes (2013), direcionando o olhar para as narrativas individuais derivadas das múltiplas experiências que os indivíduos adquirem da relação com o mundo do trabalho.

Adicionalmente, a teoria *queer* pode ser útil para pensar o conceito de carreira de maneira mais ampla, e conseqüentemente tornar o termo *dual-career* mais inclusivo. Primeiramente, a teoria *queer* defende que os estudos nas ciências sociais sejam de caráter interseccional, isto é, que considerem os diversos aspectos de opressão que atravessam as experiências dos indivíduos e que moldam a maneira como estes vivenciam sua realidade (SULLIVAN, 2003).

A partir dessa perspectiva, possuir ou não uma carreira, não se sustenta apenas em critérios bem definidos e delineados por certas experiências, mas também passa pelo reconhecimento de que muitos desses critérios são fruto de discursos hegemônicos e de relações assimétricas de poder (BUTLER, 1993; 2004).

Ainda, a proposição de Souza (2017) em tornar *queer* a teoria, isto é, questionar o caráter essencialista presente nas teorias, duvidando das verdades absolutas e universais e problematizando os conhecimentos produzidos em seu interior, pode direcionar a desconstrução das ideias positivistas presentes no conceito de carreira, e que geralmente são apropriadas pelos estudos sobre *dual-career family*.

Dessa forma, a teoria *queer* se revela como uma perspectiva pertinente aos estudos que pretendem ampliar a discussão em torno do conceito de carreira, trazendo um olhar desconstrutivista, que questiona o porquê a terminologia tradicional sobre carreira ainda é fortemente considerada nos estudos sobre *dual-career family*.

Além disso, propõe movimentos disruptivos capazes de quebrar a lógica da normalidade e ampliar o entendimento sobre o que pode ser considerado como carreira e quais configurações podem ser incluídas nela. Em suma, a proposta da teoria *queer* em problematizar e bagunçar com as categorias derivadas de discursos hegemônicos parece pertinente para auxiliar no desenvolvimento de novos caminhos para o estudo da carreira da família.

3.2. Repensando o conceito de família

Não é só o conceito de carreira que vem sendo constantemente repensado com o propósito de ampliar as possibilidades de estudos na área da *dual-career family*, mas também a configuração da família tradicional tem sido objeto de questionamento quando se deseja incluir casais homoafetivos no escopo da pesquisa em *dual-career family*.

Os estudos sobre *dual-career family* têm considerado como objeto de pesquisa indivíduos pertencentes às configurações familiares tradicionais, isto é, aquelas estruturadas a partir da união heteroafetiva. Como resultado, pouco se conhece sobre as experiências vividas por casais homoafetivos a partir da relação entre trabalho e família (SAWYER; THOROUGHGOOD ; LADGE, 2017).

Alguns estudos internacionais que se propuseram a estudar estas experiências, sugerem que as relações conflituosas entre trabalho e família ou *Work-Family Conflict* (WFC) são vivenciadas de maneira singular por famílias formadas por casais homoafetivos, devido a exclusão dessa configuração com relação as definições tradicionais de família (O'RYAN; MCFARLAND, 2010; SAWYER; THOROUGHGOOD ; LADGE, 2017).

Como consequência, as famílias LGB (lésbicas, gays e bissexuais), além de apresentarem conflitos semelhantes aos enfrentados por famílias tradicionais como, a administração de tempo e a divisão de tarefas dentro do lar, experimentam camadas adicionais de conflito como: falta de benefício para parceiros, homofobia no ambiente de trabalho, uso de estratégias de proteção à identidade familiar e o sentimento de desvalorização da identidade familiar. (O'RYAN; MCFARLAND, 2010; SAWYER; THOROUGHGOOD; LADGE, 2017; FRAGA *et al.*, 2018).

Diante dessas constatações, Fraga *et al.* (2018, p. 669) sugerem a consideração de outras uniões matrimoniais nos estudos sobre *dual-career family*, como as uniões entre pessoas transsexuais, bem como “as mais variadas combinações de identidade sexual entre casais”. Para tanto, como destaca Rumens (2016) o uso do termo *queer* como um termo guarda-chuva ou como substantivo, capaz de reunir a diversidade das identidades sexuais em um só grupo, pode ampliar o escopo dos estudos em *dual-career family* dando luz à variedade identitária sexual em suas pesquisas.

Entretanto, Sullivan (2003) faz um alerta ao possível entendimento do termo *queer* como termo guarda-chuva, afirmando que não se pode encarar a diversidade das identidades sexuais como um grupo unívoco, isto é, possuidor da mesma essência e das mesmas características. Dessa forma, deve-se tomar cuidado quando se objetiva seguir as sugestões de Fraga *et al.* (2018) para não encarar a diversidade das identidades sexuais como um grupo de indivíduos que vivenciam a mesma realidade.

Contudo, ao considerar o termo *queer* como um verbo e como um processo de desconstrução da ideia de normalidade presente nas mais variadas instituições e relações sociais, se torna possível repensar o conceito tradicional de família como uma instituição que vai além da união entre pessoas do mesmo sexo (SULLIVAN, 2003).

3.3. Ultrapassando as fronteiras contidas nas binaridades sexuais e de gênero

Ao destacar que a teorização *queer* se preocupa com a heteronormatividade que permeia o dia-a-dia das pessoas de forma binária, Rumens (2016) se direciona ao aspecto performativo das expressões sexuais e de gênero. De acordo com essa perspectiva, manifestar o desejo sexual pelo sexo feminino ou pelo sexo masculino, configuram as duas únicas formas identitárias sexuais possíveis: homem ou mulher. Dentro dessa relação, ao homem se atribui a expressão de gênero masculina, enquanto à mulher a expressão de gênero feminina. Essas regras são constantemente reafirmadas na sociedade, o que confere a elas o aspecto natural e essencial.

Entretanto, como destacam Tyler e Cohen (2008) os comportamentos derivados da constante recitação das regras são performativos, portanto, construídos e apreendidos socialmente, e não naturais. Essas ideias estão fortemente ligadas ao contexto maior da pós-modernidade que se opõe às concepções essenciais e universais sobre a natureza do homem moderno, pautadas nas grandes narrativas que acompanham diversas áreas do conhecimento.

Além de trazer para discussão o aspecto performativo, a preocupação da teorização *queer* com a heteronormatividade também expõe como a identidade heterossexual estabelece um padrão a ser seguido e como privilegia quem assim o faz, em detrimento de outras identidades sexuais. A heteronormatividade, portanto, domina as instituições, as estruturas de entendimento e as ações práticas, relegando à diversidade das identidades sexuais um lugar marginal nesses âmbitos, vistas como minoria ou desviantes (RUMENS, 2016).

No campo dos estudos da *dual-career family* esse privilégio é constantemente afirmado, uma vez que, a maioria deles se pautam nas configurações familiares heteroafetivas, e se propõem a discutir questões de gênero à luz da relação entre masculino e feminino (CASTRO, 2015). Esse escopo contribui com a ideia de que as identidades sexuais e de gênero são categorias fixas e binárias.

Em contrapartida, o olhar *queer* representa o rompimento das barreiras identitárias, questionando a ideia de categorias identitárias fixas e binárias e, mostrando que as variações identitárias, sejam elas derivadas da sexualidade, da expressão de gênero, da classe social ou étnica, são válidas e legítimas.

Através da ideia da performatividade, é possível identificar que os padrões de comportamento atribuídos aos gêneros foram ao longo da história continuamente replicados, o que proporcionou o caráter natural dos papéis de gênero atribuídos ao homem e à mulher. Essa concepção auxilia no entendimento de que as identidades são, antes de mais nada, apreendidas através da replicação de normas que criam padrões socialmente aceitos, e não expressões naturais e essenciais da vida humana (BUTLER, 1993, 2004; SULLIVAN, 2003; TYLER; COHEN, 2008; SOUZA, 2017).

Essa perspectiva possibilita aos estudos da *dual-career family* ampliar a discussão para além dos papéis de gênero que tradicionalmente são atribuídos aos homens e às mulheres dentro da relação entre trabalho e família. Esse movimento vai em direção à desconstrução dos papéis de gênero, independente da configuração familiar escolhida como objeto de pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ampliação das possibilidades de discussão dentro da temática da *dual-career family* é uma indicação de muitos estudos na área. Dentro do modelo conceitual proposto por Berlato (2018), entende-se a exploração do quadrante sociocultural como um dos caminhos que possibilitam o avanço nas discussões sobre a *dual-career family*. Arelado a isso, as ideias da teoria *queer* e do termo *queer* se mostram pertinentes ao alcance da ampliação desse escopo e sustentam uma nova proposta de estudo: a *dual-career queer family*.

A inserção do termo *queer* no escopo da *dual-career family* chama a atenção para a inclusão da diversidade de configurações familiares para além da heteroafetiva, tradicionalmente considerada. Além disso, propõe processos desconstrutivos, capazes de

avançar em discussões e apresentar novos pontos de vista. Com isso, três processos são reconhecidos e caracterizados afim de representar a abordagem que insere o *queer* na *dual-career family*.

O primeiro processo é o de ampliar o entendimento sobre carreira, que ao longo do tempo tem carregado um significado positivista, e que passa por uma série de questionamentos quando se pretende lançar um olhar *queer* sobre ele.

O segundo processo propõe repensar o conceito de família tradicionalmente utilizado na teoria e na prática da *dual-career family*. Isso envolve o reconhecimento de outras configurações familiares possíveis com base na diversidade das identidades sexuais existentes na sociedade e das variadas combinações dessas identidades entre casais. Como consequência, a perspectiva *queer* enfatiza as camadas adicionais de conflito entre trabalho e família que casais não-heteroafetivos enfrentam em relação aos casais heteroafetivos, chamando a atenção para ações por parte das organizações que possam minimizar está diferença.

Por fim, o terceiro processo que diz respeito a superação das fronteiras contidas nas binaridades sexuais e de gênero, desafia os pesquisadores em *dual-career family* a refletir sobre em que medida seus estudos replicam a lógica da heteronormatividade e da análise dos papéis de gênero baseada na noção de identidade fixa e binária. E além disso, propõe a quebra dessas estruturas a partir de um processo de desconstrução das categorias identitárias consideradas normais em nossa sociedade.

Contudo, as ideias desenvolvidas nesse ensaio teórico são preliminares e compõem uma visão que busca trazer um olhar *queer* à *dual-career* que ainda é pautada por perspectivas positivistas e funcionalistas. Assim, ele cumpre a função de trazer ao campo da *dual-career* as discussões presentes dentro da teoria *queer*, traçando um paralelo entre elas e mostrando caminhos possíveis para superar determinadas lacunas e limitações encontradas dentro do escopo teórico e prático da *dual-career family*

NOTAS

¹ Leis de orientação sexual no mundo – 2019. Disponível em: <<https://ilga.org/ilga-map-sexual-orientation-laws-2019>>. Acessado em: 15/02/2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRETTA, D; BERLATO, H. Redescobrimo a Dual Career Family: Novos Caminhos para o Estudo da Carreira da Família. **XXI SEMEAD Seminários em Administração**. nov. 2018.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENENSON, H. Women's Occupational and Family Achievement in the U. S. Class System: A Critique of the Dual-Career Family Analysis. **The British Journal of Sociology**, v. 35, n. 1, p. 19-41, 1984.

BERLATO, H. **O processo de (re)conhecimento das empresas sobre as práticas de gestão de pessoas voltadas às iniciativas que tratam a relação trabalho e família: um olhar sob a perspectiva da dual career**. Piracicaba-SP, 2018. 249 p. Tese de Livre-Docência (Administração) - Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz', Universidade de São Paulo, 2018.

BERLATO, H.; CORREA, K. F. Uma reformulação no modelo conceitual sobre dual career para análise no âmbito organizacional: revelando novas vertentes. **Brazilian Business Review**, v. 14, n. 2, p. 225-246, 2017.

BUTLER, J. Critically queer. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v.1, n.1, 17-32. 1993.

BUTLER, J. **Undoing gender**. Oxfordshire: Routledge. 2004.

CASTRO, F, C de. **Dual career family e as decisões de carreira de casais hétero e homoafetivos**. São Paulo-SP, 2015. 263 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2015.

DREYFUS, H; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUXBURY, L.; LYONS, S.; HIGGINS, C. Dual-Income Families in the New Millenium: Reconceptualizing Family Type. **Advances in Developing. Human Resources**, v. 9, n. 4, p. 472- 486, 2007.

FRAGA, A. M. *et al.* Para além do arco-íris”: trajetórias de carreira de casais homossexuais. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 19. n. 3. p. 662-670, 2019.

GILBERT, L. A; RACHLIN, V. Mental health and psychological functioning of dual-career families. **The conseling Psychologist**, v 15. p.7-49, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HUGHES, J. L. Persisting problems with operationalizing dual career couples: A proposal to use the term dual-income couples. **Marriage & Family Review**, v. 49, n. 8, p. 694-716, 2013.

NEWMAN, S. **Power and politics in poststructuralist thought: new theories of the political**. London: Routledge. 2005.

O'RYAN, W. L; MCFARLAND, P, W. A phenomenological exploration of the experiences of dual-career lesbian and gay couples. **Journal of Counseling & Development**, v. 88, p. 71-79, 2010.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIXLEY, J. E. Differentiating careers from jobs in the search for dual-career couples. **Sociological Perspectives**, v. 52, n. 3, p. 363–384. 2009.

RAPOPORT, R.; RAPOPORT, R. N. The Dual Career Family: A Variant Pattern and Social Change. **Human Relations**, v. 22. n.1, p. 3–30. 1969.

RAPAPORT, R; RAPAPORT, R. N. Further Considerations on the Dual Career Family. **Human Relations**, v. 24, n. 6, p. 519-533. 1971.

REED, C.M; REED, B.J. The impact of dual-career marriage on occupational mobility in the local government management profession. **American Review of Public Administration**, v. 23, n. 2, p. 141-154, 1993.

RUMENS, N. Towards Queering the Business School: A Research Agenda for Advancing Lesbian, Gay, Bisexual and Trans Perspectives and Issues. **Gender, Work and Organisation**, v. 23, n. 1, p. 36-51, 2016.

RUMENS, N; SOUZA, E, M de; BREWIS, J. Queering Queer Theory in Management and Organization Studies: Notes toward queering heterosexuality. **Organization Studies**, v. 40, n. 4, p. 593–612, 2019.

SARUP, M. **Identity, culture and the postmodern world**. Georgia: The University of Georgia Press, 1996.

SAWYER, K; THOROUGHGOOD, C; LADGE, J. Invisible families, invisible conflicts: Examining the added layer of work-family conflict for employees with LGB families. **Journal of vocational behaviour**, v. 23, p. 23-29, 2017.

SEIDMAN, S. **Queer theory/sociology**. Cambridge/Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

SOUZA, E. M. *et al.* A analítica de Foucault e suas implicações nos estudos organizacionais sobre poder. **Revista O&S**, v. 13, n. 36, p. 13-25, 2006.

SOUZA, E. M; BLANCO, M. F. MACHADO, L.D. O homem e o pós-estruturalismo foucaultiano: implicações nos estudos organizacionais. **Revista O&S**, v. 15, n. 47, p. 71-86, 2008.

SOUZA, E. M. Pós-modernidade nos estudos organizacionais: equívocos, antagonismos e dilemas. **Cad. EBAPE**, v. 10, n. 2, p. 270-283, 2012.

SOUZA, E. M. A Teoria *Queer* e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 308-326, 2017.

SULLIVAN, N. **A Critical Introduction to Queer Theory**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.

TYLER, M; COHEN, L. Management in/as comic relief: queer theory and gender performativity in the office. **Gender, Work and Organization**, v. 15, n. 2, p. 113-132, 2008.

WANDER, R. Queer. **Western American Literature**, v. 53, n. 1, p. 63-68, 2018.

WATSON, K. Queer theory. **Group Analysis**, v. 38, n.1, p. 67-81, 2005.

YOUNG, R. A.; COLLIN, A. Introduction: Constructivism and social constructionism in the career field. **Journal of Vocational Behavior**, v. 64, n. 3, p. 373–388, 2004.